

Confronto não interessa a Collor

Nova Iorque — O presidente Fernando Collor afirmou ontem para uma platéia de aproximadamente 800 pessoas, durante almoço do Conselho das Américas, que seu governo não está inclinado ao confronto na negociação da dívida externa, mas ressaltou que não analisará soluções “que desconsiderem o imperativo do crescimento e do desenvolvimento do País”.

Ao contrário do confronto, o Presidente disse estar aberto ao diálogo e que seu governo vai procurar, “com lealdade e racionalidade, critérios comuns com os credores, que respeitem as regras internacionais e as expressões legítimas dos interesses do povo brasileiro”. Esta parte do discurso de Collor teve endereço certo durante o almoço ao qual compareceram empresários e banqueiros particulares, entre eles alguns credores do Brasil.

O discurso de Collor levantou toda a platéia, que o aplaudiu de modo geral ao seu final. Além da dívida externa, a parte mais dura com relação aos empresários e banqueiros foi demonstrada quando Collor disse observar, com inquietação, “o descaso com que o mundo desenvolvido tem encarado a questão do subdesenvolvimento”. “O Brasil” — disse — “superou há muito a tendência de atribuir a fatores internacionais a causa de sua inaceitável realidade socioeconômica. Há que assinalar, no entanto, a persistência de certos constrangimentos externos. Entre eles as questões da dívida, do neoprotecionismo e do acesso à tecnologia”.

Collor lembrou que estava de volta ao mesmo lugar onde compareceu há oito meses, ainda na qua-

lidade de presidente eleito, e disse voltar com “a tranquilidade de quem tem a confirmação inequívoca de que o futuro, no Brasil, já começou”. Ao fazer um balanço dos primeiros seis meses de mandato, disse que seu governo atacou de frente “os desequilíbrios estruturais e conjunturais de uma economia que havia inviabilizado o desenvolvimento e o crescimento do País”.

Burocracia

Collor conseguiu arrancar risos da platéia atenta ao fazer referência ao programa de desregulamentação, que eliminou vários documentos do dia-a-dia dos brasileiros, e revê leis e normas acumuladas em vários anos. Ele citou, como, por exemplo, do “absurdo burocrático a que chegamos”, o recente show do cantor Paul McCartney, no Rio de Janeiro, que precisou pedir uma autorização ao Ministério da Infra-Estrutura para cantar em idioma estrangeiro. O Presidente disse que o governo está mudando uma realidade em que “os vivos tinham que apresentar um atestado de vida para provar que estavam vivos”.

Collor falou ainda do choque de liquidez na economia. Alegou que “essa forte intervenção do Estado era necessária e inadiável”. Abordou também a adoção de medidas como a livre negociação salarial, a fixação das taxas de câmbio pelo mercado, a liberalização dos preços das importações, e a privatização de empresas controladas pelo setor público. No campo da Informática, o Presidente afirmou que as modificações já introduzidas no campo da reserva de mercado são o passo inicial no caminho de sua extinção.

Disse apostar “na competência e na ousadia da classe empresarial brasileira”.

Meio ambiente

Mais uma vez, Collor tocou no tema meio ambiente. Afirmou que, no Brasil, está banida a prática de se escamotear, sob o pretexto da defesa da soberania, “a verdade sobre o desrespeito e os abusos que se cometeram e se cometem, agora em menor escala, contra a natureza”. Mas salientou que o desafio ecológico é, também, tarefa da cooperação internacional. “O acesso a tecnologias limpas, os investimentos orientados para a preservação ambiental, o conhecimento profundo da fauna e da flora de cada ecossistema são necessidades que demandam definições urgentes”, afirmou.

Todas as modificações feitas nos últimos seis meses, segundo Collor, apostam nas potencialidades do Brasil. Ele disse, porém, estar convencido de que essas potencialidades somente se materializarão em crescimento harmônico caso o Brasil consiga inserir-se de forma moderna e aberta na economia internacional. Por isso, afirmou, “meu governo considera benéficos os investimentos e investimentos estrangeiros que queiram compartilhar as enormes oportunidades existentes no Brasil”.

Durante o almoço, oferecido pela Sociedade das Américas, Conselho das Américas e Câmara de Comércio Brasil-Estados Unidos, Collor recebeu a gold insigne award das mãos do presidente do Conselho das Américas, David Rockefeller, que após o discurso do Presidente, disse estar pessoalmente convencido de que o Brasil está trilhando “um caminho novo”.